# Fuja! - 23/06/2021

Mais do que nunca é preciso fugir, mas não abandonar. Mais do que nunca é  
precisa impor limites. Basta! Fuja! Mas não fugir de repente, mas fugir com  
cuidado, com o dever cumprido. Isso não há como evitar. A pandemia aliada à  
tecnologia possibilitou, para algumas camadas e profissões, a não presença.  
Se, por um lado, há mais liberdade em organizar uma rotina doméstica, aliar  
tarefas caseiras com tarefas da profissão, não é nenhuma novidade, que, de  
outro lado, não se sabe exatamente bem o que os outros fazem do lado de lá.  
Pipocam atividades, acumulam-se problemas. Entretanto, a vida comum é assim.  
  
Nessa barafunda, precisamos de nosso tempo. Pululam transtornos de ansiedade,  
isso é notícia corriqueira. O cérebro pensa e muito. Mas ele não precisa estar  
voltado para aquele pensar que quer nos aprisionar. Para isso existe o papel  
em branco, os livros, a pesquisa, etc. Para que o disco não fique arranhado e  
repetindo uma nota só. O cérebro não para e, diante disso, ele precisa de  
refresco. Criatividade! Fuja!  
  
Sabemos, contudo, que fugir está cada vez mais difícil em virtude do quão  
artificial e instantânea tem sido nossa época. Para onde fugir se há sempre um  
prédio, uma rua, o celular emitindo algum som? Como fugir se temos que estar  
sempre online? Não atender o telefone ou responder uma mensagem de WhatsApp já  
desperta dúvida. Talvez, um caminho possa ser continuar fazendo essas mesmas  
coisas, respondendo, mas conscientemente. Não estar preso a essa miríade  
tecnológica sufocante e instigante, ou seja, tentar interiorizar  
possibilidades mais pregressas de vida, ritmos mais lentos. Sentir o corpo,  
olhar no espelho, fazer as inadiáveis tarefas mecânicas e repetitivas que  
servem para que todos os estímulos possam ser processados. Por isso, é preciso  
fugir, fugir do mesmo, do que está na nossa frente.  
  
Se eu poderia explorar mais esse assunto? Creio que sim, mas por hora eu fujo!